

## O SUICÍDIO ENQUANTO *TOPOS* ROMÂNTICO NA NARRATIVA “ÀS PORTAS DA ETERNIDADE”, DE ANA PLÁCIDO

Fabio Mario da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nossa proposta é repensar o conceito de suicídio na era romântica a partir da narrativa “Às portas da eternidade”, de Ana Plácido, contida na sua obra de estreia, *Luz coada por ferros* (1863), tendo como ponto de partida *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe. Observaremos como a personagem protagonista placidiana acumula várias decepções durante a vida, apontando quais os motivos para o seu ato suicida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ana Plácido, “Às portas da eternidade”, suicídio, *Os sofrimentos do jovem Werther*, *Luz coada por ferros*.

**ABSTRACT:** Taking as a starting point Goethe’s novel *The sufferings of young Werther*, the present study provides a rethinking of the concept of suicide in the romantic era, based on the narrative “At the gates of eternity” by Ana Plácido, a text contained in her 1863 debut work, *Luz coada por ferros*. On the basis of our observations of the various disappointments Plácido’s main protagonist suffers during her life, we identify what may have been the reasons for her suicidal act.

**KEY-WORDS:** Ana Plácido, “At the gates of eternity”, suicide, The sufferings of the young Werther, *Luz coada por ferros*.

Johann Wolfgang von Goethe inaugura, na literatura ocidental europeia, um modelo que vai se perpetuar durante o século XIX, quando publica *Os sofrimentos do jovem Werther* (*Die Leiden des jungen Werthers*) em 1774. Nesse romance, desde já um pouco inovador por ser escrito em forma epistolar,<sup>2</sup> o autor explora as aspirações de um eu romântico infeliz, que vê o suicídio como o único caminho possível para sanar o seu sofrimento. Por isso, devido à forte carga realista da obra e à influência que os textos

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/Instituto de Estudos do Xingu. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras do ILLA/Marabá. Investigador do CLEPUL da Universidade de Lisboa. Texto desenvolvido durante pós-doutoramento na área de Estudos Portugueses, com supervisão do Professor Doutor Ernesto Rodrigues, do CLEPUL, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

<sup>2</sup> Segundo Magali Moura, essa técnica do recurso de exposição de cartas já existia, mas o texto de Goethe conseguiu superar as obras antecedentes: “Este gênero de romance estava em voga e já havia sido usado com sucesso em Inglaterra por Richardson (*Pamela*, 1740; *Clarissa*, 1748) e na França por Rousseau (*A nova Heloísa*, 1761), mas são, segundo a crítica, pálidas expressões da força do amor, se comparadas à pujança do texto de Goethe” (2011, p. 53).

literários tinham sobre a sociedade intelectualizada, a esse romance é atribuído um surto suicida na Europa, visto que o texto começa a ser constantemente traduzido para outras línguas.<sup>3</sup>

O romance revela, através de uma série de missivas, que a personagem Werther se corresponde com o narrador (que é também o “editor” responsável pela publicação das “cartas”). Esse “editor-narrador” tenta convencer o leitor da veracidade do relato de Werther. A estória das epístolas centra-se num triângulo amoroso entre o jovem Werther e Charlotte: apesar de envolver-se amorosamente com ela, o protagonista vê-se impedido de consumir o seu amor, uma vez que a sua amada está prometida a outro homem, Albert. Com um amor desmesurado que cresce cada vez mais, Werther crê que o suicídio é o seu único caminho, consumando o ato com um tiro na cabeça.

O suicídio na era romântica é uma herança da tradição clássica e, segundo Michelle Faubert, passou por diferentes fases, no século XIX, na maneira como foi visto: desde um ato heróico até um problema social. Os autores passaram a observar o tópico do individualismo estendendo o tema do suicídio a várias outras questões: “Romantic-era writers used the theme of suicide to explore other subjects, too, such as racial purity, the downside of female sympathy, the fear of extreme subjectivity, religious enthusiasm, and changing ideas about the role of aristocracy in the Romantic period” (2018, p. VI). Há, segundo Faubert, uma diversidade de questões e associações ao tema do suicídio na literatura romântica, de modo que nós, críticos literários, teríamos que desvendar os meandros desses caminhos observando a obra a ser estudada e as suas influências, de acordo com o paradigma metodológico de fonte e influência (proposto pelo comparatismo literário e contemporâneo ao Romantismo):

The topic of suicide in an original way—as a literary expression of a cultural moment, as an artifact of a period both influenced by previous impressions of the meaning of suicide, and as influential for later understandings of the significance of suicide. The diversity of approaches to suicide in this issue shows that, while certain patterns of understanding and representations of suicide may be traced in Romantic-era texts, the sheer variety of these views renders the concept ineluctably “open” in a Barthesian sense and invites yet further readerly engagement with the topic (2018, pp.VII-XIV).

---

<sup>3</sup> Segundo Marcelo Backes, esse romance epistolar “foi um testemunho de como a literatura tinha poder de agir na sociedade. Não foram poucos os suicídios atribuídos ao romance. O bispo, Lorde Bristol, chegou a acusar Werther de ser uma obra imoral, que levava os jovens a se suicidarem. Goethe respondeu-lhe, na lata, que se ele falava nesse tom do seu pobre Werther, com que tom deveria falar dos poderosos da terra?” (2010, p. 2).

Em relação ao suicídio, Karl Menninger afirma que há três vontades: a de matar, a de ser morto e a de morrer, que contribuem para o suicídio:

A vontade de matar pode não só ser dirigida para um objeto interno, mas, como no caso dos homens-bomba, quase sempre se destina a acabar com a vida dos sobreviventes num ato final de vingança (...) A vontade de ser morto e a vontade de morrer têm uma relação clara. Em ambos os casos, existe uma passividade implícita, e muitos pacientes deprimidos dizem coisas como ‘não tive coragem de me matar, mas, se eu fosse dormir e não acordasse no dia seguinte, seria um alívio e tanto’. A vontade de ser morto diz respeito à culpa e à necessidade de castigo que acompanham a depressão (...) O desejo de morrer é, enfim, uma dor psíquica intensa associada à depressão (*Apud HOLMES, 2005, p. 57*).

Quando Ana Plácido escreve “Às portas da eternidade”, conto publicado em *Luz coada por ferros* (1863), ela tem em mente o modelo goethiano da técnica narrativa e a temática do suicídio, que passa pelo “desejo de morrer”, como resultado inevitável e única forma de sanar a dor da infelicidade amorosa. Primeiramente, a autora utiliza o recurso das epístolas no seu conto como forma de contar a estória de uma mulher protagonista, tal como faz na primeira parte do seu romance *Herança de Lágrimas* (1871); seguidamente, o tema principal do seu texto é a desventura amorosa, que leva a protagonista a matar-se. Contudo, esse modelo goethiano de suicídio que a escritora adota é elaborado a partir do viés feminino: a desventura amorosa é contada pela visão de uma narradora onisciente sobre uma mulher que relata os infortúnios de sua vida.

Aliás, o suicídio será também uma tragédia na vida pessoal de Ana Plácido: já viúva e casada com Camilo Castelo Branco, após anos de convivência e fugas amorosas devido à acusação de adultério, tem que encarar o suicídio de Camilo, que tira a própria vida, com um tiro na cabeça,<sup>4</sup> em razão de sua cegueira e debilitação física, em 1 de Junho de 1890. Ana Plácido não poderia prever que o fim trágico do livro de Goethe se concretizaria em sua vida através da perda de quem tanto amara.

Lembre-mo-nos também que o tema do suicídio é frequente na literatura romântica, e foi interpretado ou como ato heróico e de coragem ou até mesmo como covardia (Cf. CABRAL, 1989, p. 620). Estas contraposições levantadas pelo crítico camiliano, Alexandre Cabral, sobre a imagem do suicídio no século XIX, certamente são feitas a partir do ato suicida da personagem Werther, que é visto desde maníaco-

---

<sup>4</sup> Ana Plácido revelou em carta a Freitas Fortuna que a tentativa de suicídio por parte de Camilo Castelo Branco já vinha desde altura que escreve essa carta, em 10 de janeiro de 1890: “Arranquei Camilo de Lisboa porque a idea do suicídio pela fome era constante e invencível” (CASTELO BRANCO; PLÁCIDO; FORTUNA, 1930, p.155).

depressivo até revolucionário, “um ser incorruptível, expressão afirmativa da liberdade absoluta em contraposição às limitações impostas pela cultura burguesa” (MOURA, 2011, p. 55). Tais traços também aparecem com frequência na obra de Camilo, pois “esteve sempre presente, desde os primórdios da atividade literária, no centro de suas preocupações e dos seus sentimentos” (CABRAL, 1989, p. 421). As mesmas inquietações se transportam para a obra de Ana Plácido, mas a diferença, como mais adiante veremos, tem a ver com a perspectiva narrativa adotada, qual seja a da condição feminina.

“Às portas da eternidade” inicia a sua diegese com a descrição da paisagem e clima vistos da janela do segundo andar por uma mulher vestida de luto. A personagem não é nomeada, e o texto revela a relação entre as paisagens da natureza e o estado emocional da protagonista, cuja descrição aparenta dar a tônica a um discurso no qual aquilo que se avista não é apenas um cenário natural, mas uma projeção de si mesma, sua imagem num espelho:

O vento rebramia com furia nos telhados e chaminés abaladas, e a chuva caía abundantemente despenhando-se nas ruas com o fragor de torrente impetuosa. (...) uma mulher vestida de preto, com os cabellos meio soltos, encostava-se a uma janella aberta, expondo a fronte d’uma pallidez requeimada da febre interior ao ar frígido e penetrante da athmosphera (2015, p. 191)<sup>5</sup>.

Neste trecho, deparamo-nos com o esquema romântico em que, por correlatividade, a descrição da natureza apresenta o sujeito da ação e, a seguir, reflete as suas afetações. Apesar de não ser agradável ver de perto o rosto dessa mulher envelhecida, a narradora onisciente refere que, ao olhar atentamente essa face, ainda se vê nela formosura, como o reflexo de uma beleza perdida no tempo. Por isso essa personagem reflete, à janela de sua casa, sobre a passagem rápida do tempo e sua maneira impiedosa de se concretizar, razão por que, em outra passagem, a mulher observa-se em frente ao espelho, levantando e recompondo o seu cabelo, que possui “um requinte de galanteio irónico e dolorido” (p. 193).

A narradora vê, no semblante desta mulher, um passado e um destino tortuosos: “Que dor tão intensa, desde a resignação das lagrimas até ao infinito do desespero arido e mudo! Que rapidas e dolorosas mutações, que rasgar de coração é esse! Um momento igual devia remir annos de culpa: serás perdoada, se os tens na consciencia, infeliz?” (p.

---

<sup>5</sup> Todas as citações à obra *Luz coada por ferros* referem-se à edição fac-similada de 2015, que reproduz a edição de 1863. Assim, nas próximas citações da referida obra indicaremos apenas o número de páginas.

192). É uma cena de despedida e predestinação à morte, na qual o coração dilacerado reflete o estado emocional e psíquico da personagem.

É a indicação de um estado depressivo, como acontece a muitos heróis românticos, de que são exemplo aqueles presentes nas obras de Camilo Castelo Branco. Por isso, a protagonista interpela Deus e revela o esforço que faz há anos, no combate para não se entregue à morte: “Ponde os olhos na minha miseria; esforço nobre era viver, se eu pudesse esmagar o coração debaixo d’uma estúpida e falsa dignidade, mas não posso, meu Deus, não posso!” (p. 193). Esse esquema narrativo romântico e de sofrimento, através de uma dupla interpelação divina/humana, sagrada/profana, é o mesmo encontrado em várias passagens do romance de Goethe, que Plácido toma por modelo, como podemos observar na seguinte passagem:

Deus sabe quantas são as ocasiões em que me deito na cama com o desejo, e às vezes a esperança, de não tornar a acordar. E de manhã abro os olhos, revejo o sol e me sinto miserável! (...) Eu sofro muito, pois perdi tudo o que me causava delícia à vida, essa força divina, vital, com a qual criava mundos ao redor de mim (GOETHE, 2010, p. 58-59).

O herói romântico é, sobretudo, injustiçado e apenas Deus poderia compreender o seu sofrimento e a sua luta, que foram em vão.

Voltando à narrativa placidiana, antes do início das duas missivas, escritas pela mulher vestida de luto, nas quais será revelado o destino dessa personagem, já nos é antecipado que ela toma um punhal de cabo de marfim que tinha guardado, numa espécie de pré-funeral consciente: “uma hora, lenta, repercutida em varios relógios, soou n’este momento, como um ecco lúgubre” (p. 193). A cena é descrita com tons melancólicos, bem ao estilo oitocentista romântico, através de uma visão amargurada da vida, o que evoca a sensação de entrega à morte. Tal cena serve para a personagem protagonista introduzir a transcrição de duas cartas por meio das quais ficamos a saber as origens de tanto sofrimento: “Há quatro annos que sonho com o suicídio, sobrou-me tempo para acostumar-me à idea da morte, tão magoada e assustadora para os felizes” (p. 194). O suicídio é o unguento para sanar os males e serve como redenção e salvação para sair de uma vida infeliz. Ou seja, a personagem não vê o aniquilamento do seu corpo como um mal, pois crê que a sua morte física é um alívio para a sua dor psíquica, a qual considera incurável, justificando assim o motivo de sua morte:

Morro, porque é preciso levantar uma barreira de gelo entre uma imagem adorada, e o meu malfadado coração. Sempre a amar aquelle

homem, sempre! A cada novo insulto, a cada blasfêmia que lhe sae dos lábios mascarada debaixo da excessiva e irônica polidez; esta cabeça que tão ufana de si se levantou out'ora, curva-se submissa como o animal humilde afagando a mão que o castiga (p. 195).

Tal recurso de carta a um interlocutor contando o seu desejo de morrer devido a um amor não correspondido também comparece no romance de Goethe:

Está decidido, Carlota, quero morrer, e escrevo-te sem nenhuma exaltação romanesca, sossegado, na manhã do dia em que te verei pela última vez. Quando leres esta, minha querida, o túmulo gelado já estará cobrindo os despojos rijos do inquieto, do desgraçado que não conheceu prazer mais doce para os derradeiros momentos da sua vida do que o de se ocupar contigo. Tive uma noite terrível e, por que não dizer, uma noite benéfica. Ela definiu, radicou a minha resolução... Quero morrer! (...) Lancei-me de joelhos, sentindo-me fora de mim, e, oh Deus! Concedeste-me pela última vez o alívio das lágrimas mais amargas. Mil projetos, mil perspectivas lutaram em fúria na minha alma, e por fim ficou ali, firme e inteiriço, o último, o único pensamento... Quero morrer! Deitei-me e pela manhã, no sossego do despertar, ainda encontrei o mesmo pensamento, firme, inteiriço, ancorado em meu coração. Quero morrer! Não é desespero, é a certeza inabalável de que termino minha carreira e me sacrifico por ti. Sim, Carlota! Por que eu haveria de ocultá-lo? Um de nós três [Alberto, Carlota e Werther] tem de morrer, e quero ser eu! (GOETHE, 2010, p. 72).

Tal como nesse romance goethiano, Ana Plácido também resgata no seu conto, através de sua protagonista, que não será baixeza de sentimentos o ato de tirar a própria vida, mas um ato digno de poupar mais sofrimentos a si e a outrem, repetindo o padrão romântico do sacrifício:

Baixeza de sentimentos e instintos lhe chama elle, mas não é, meu amigo, não. É uma cobardia que a mim mesma me revolta, é o ascendente do senhor sobre o escravo, é emfim este amor – castigo de que eu não posso dessoldar-me. Não lhe admire a presistencia e intensidade, admire antes que a mulher forte e varonil não possa abafal-o, levantando a sua dignidade do charco ignominioso em que jaz. Vergonha é confessal-o! e maior ainda quando se morre para poupar às dores já previstas do triumpho d'uma rival feliz (p. 195).

Isto acontece porque, para alguns sujeitos depressivos, “quando a depressão aparece, a visão que se tem de si mesmo transforma-se de aceitação e satisfação em aversão, em culpa por falhas imaginárias de omissão ou de responsabilidade e, ao final, em vontade de morrer.” (HOLMES, 2005, p. 6), por isso o suicídio não está muito distante do depressivo. Mesmo demonstrando que possui uma “força varonil”, como a personagem relata, não é possível lutar contra a desgraça amorosa. Nesse momento da narrativa, a protagonista revela a seu amigo – a quem ela também nomeia de irmão –

que, desde a infância, a sua mãe lhe olhava “como voltada ao infortúnio, por uma superstição em que avultavam não sei que estranhas influências” (p. 196), revelando que sentiu “mais tarde a dor sem igual que me devorou os mesmos instantes rápidos de ventura” (p. 197).

Ficamos a saber, logo na primeira missiva transcrita pela personagem que quer se suicidar, do relato sobre o seu primeiro amor, António Augusto, pianista, que era quatro anos mais velho que ela na altura, filho único de uma senhora abastada que possuía uma saúde débil, além de propensão para a melancolia. António morre fatidicamente da doença que abate personagens e autores no século XIX: a tuberculose, deixando, como memória, os recitais que fazia e nos quais extraía “sons d’uma maviosidade, que parece se dobrava a um milagre occulto que o fazia gemer” (p. 198). E, desde então, o seu “espírito refulgia-se no canto, como invocação às lágrimas rebeldes” (p. 198). Antes de sua morte, António Augusto revela o desejo de que sua amada fosse com ele, assim não sentiria saudades do mundo, quase como em *Romeu e Julieta*, em que ambos, juntos, vão fazer morada no mundo dos mortos.

Seguidamente, nesta mesma epístola, é revelada a existência de um segundo homem que a amava tanto ao ponto de chorar, amor que, inicialmente, não era correspondido, mas que, ao fim, acaba por ser concretizado, uma vez que se entregou a essa segunda paixão desmedida. E é exatamente sobre essa estória que a segunda missiva vai tratar, quando escreve diretamente a Cristiano, o seu segundo e último amor. Ao seu amado, lembra que seu coração goteja a sangue por esta “paixão infeliz, e tão pouco lhe mereci” (p. 197). Revelando que vai morrer, clama-lhe piedade porque ele esqueceu os bons momentos vividos juntos, apesar de saber que não vale a humilhação de suas palavras.

Seu questionamento é saber se, um dia, mais tarde, a consciência de Cristiano vai-lhe reacender o passado sob o pranto do arrependimento, contando-lhe do seu atual estado: “Ha dez noites que os meus olhos mal se fecham, de caçados. Ha dez dias que as dores do inferno me são appeteciveis: devem ser mais brandas do que estas” (p. 200). Ao contrário da expectativa patriarcal, essa mulher revela a assimetria dos sexos em relação ao tema amoroso, valorizando a postura feminina: “Tempo! tudo gastas, mesmo a reminiscencia no coração do homem; só a *mulher conserva puro de mancha o amor* que a santificou...” (grifo nosso, p. 201). E confessa a desmesura do seu amor, que foi rejeitado por Cristiano:

Amada por ti, desafiava o proprio Deus a tirar-me a vida, e com a certeza do teu odio sou eu que a corto, desafiando o mundo inteiro a salvar-me. Christiano! Christiano! o futuro me coroará na tua phantasia, quando o momento da justiça chegar. (...) Morro por ti, morro amando-te... Estás perdoado (2015, p. 201).

É intrínseca ao texto a capacidade feminina para perdoar, o sentimento de justiça que virá para todos, homens e mulheres, mesmo após a morte, o que revela a insistência da autora no *topos* romântico do “morrer de/por amor”, que nos faz recordar desde a narrativa epistolar de Goethe até os versos de Almeida Garret em *Folha Caídas*, “Este inferno de amar”, obra citada várias vezes em outras obras de Plácido, seja como epígrafe ou diluída na voz de suas personagens. Por conseguinte, essa mulher faz recomendações no tratamento e recolha do corpo após o suicídio:

Faz por me enterrem vestida como estou, que nenhuma outra mão me toque senão a tua. Guarda este punhal que me deste. Tinto no meu sangue, e... é tarde. Adeus, adeus, meu chorado e saudoso amor; não te peço fidelidade às minhas cinzas, peço-te um gemido para a martyr (p. 202).

Essa narrativa explora aquilo que encontramos com certa regularidade em textos enquadrados na estética romântica, visto que esses tipos de textos demonstram “uma possível teorização sobre as relações entre suicídio e amor no Romantismo como realização da busca transcendental pela verdade” (ANDRÉ, 2018, p. 11). Fatalidades e presdestinações desde a infância, personagens masculinas melancólicas e fragéis, como o primeiro amor da protagonista, diferentemente dela, com o seu ar “varonil”, passando por um amor que inicialmente não lhe desperta qualquer estima para depois se transformar em paixão e na justificação do motivo de sua morte. Como vimos, o suicídio da personagem – aparentemente – tem como motivo o desdém de Cristiano. Mas, se observarmos a linha temporal desde o seu nascimento, a personagem protagonista passa por diferentes dores e perdas em sua vida, as quais não foram superadas, demonstrando que o suicídio – apesar de Cristiano ser apontado como motivo para tal ato – acontece devido a uma série de acontecimentos que não foram sanados durante o seu percurso de vida.

O desejo de morrer da personagem de “Às portas da eternidade” está aliado à sua dor intensa, que não pode ser contida, nem mesmo por uma mulher como ela, corajosa. O texto deixa evidente que as mulheres são as que mais sofrem, porque, como nos relevou em sua missiva a Cristiano, só elas podem conservar o amor “puro de manchas”, ou seja, como objeto sagrado, não se entregando ou se envolvendo com

outras paixões, fato que os homens não podem compreender porque não aprenderam a amar sinceramente e duradouramente como as mulheres.

Ou seja, o que a narrativa deixa antever é que os homens têm acesso a um padrão (privilegiado) de amor que necessariamente se faz sobre a subjugação do amor feminino. As mulheres amam, conservam, resguardam o amor ao ponto de cometer o suicídio devido ao desengano, e as amarguras que são obrigadas a passar nas relações amorosas. A protagonista, que não é nomeada, refere dois grandes amores, um a morte o leva, pelo outro é abandonada, restando apenas um único caminho que considera digno: o da morte.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, William. Literatura e suicídio: alguns operadores de leitura. In: **Acta Scientiarum. Language and Culture**. v. 40. número 2. 2018, pp.1-12, disponível < [file:///C:/Users/FABIOMARIO/Desktop/37413-Texto%20do%20artigo 751375147560-1-10-20180903.pdf](file:///C:/Users/FABIOMARIO/Desktop/37413-Texto%20do%20artigo%20751375147560-1-10-20180903.pdf)>, acesso em 17 de abril de 2020.

BACKES, Marcelo. Prefácio. In: GOETHE, Johann Wolfgang. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**: Edição comentada, tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2010, pp.1-3.

CASTELO BRANCO, Camilo; PLÁCIDO, Ana; FORTUNA, Freitas. **Dois anos de agonia**. Cartas de Camilo e de Ana Plácido a Freitas Fortuna. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.<sup>a</sup>, 1930.

CABRAL, Alexandre. **Dicionário de Camilo Castelo Branco**. Lisboa: Caminho, 1989.

FAUBERT, Michelle. Introduction to ‘Suicidal Romanticism: Origins and Influences’. In: **Studies in the Literary Imagination**. Volume 51. Number 1.º. Spring, Georgia: Georgia State University. Department of English, 2018, pp. v-xv, disponível em < [file:///C:/Users/FABIOMARIO/Desktop/Faubert,%20C2%ABSuicidal%20Romanticism%20\(Introd.\)%C2%BB.pdf](file:///C:/Users/FABIOMARIO/Desktop/Faubert,%20C2%ABSuicidal%20Romanticism%20(Introd.)%C2%BB.pdf) >, acesso em 18 de abril de 2020.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. Edição comentada, tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HOLMES, Jeremy. **Depressão**. Trad. Carlos Mendes Rosa. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

MOURA, Magali. Werther, a descoberta da individualidade sensível. In KESTLER, Izabela; MOURA, Magali. **Aspectos da Época de Goethe**. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2011, p. 56-66.

PLÁCIDO, Ana (1863). **Luz coada por ferros**. Edição fac-similada no âmbito das comemorações do 1.º Centenário da morte de D. Ana Augusta Plácido. Vila Nova de Famalicão: Lelo & Irmão Editores & Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2015.